

PARA UMA LEITURA SEMIO-LINGÜÍSTICA DE “FÁBULA DE UM ARQUITETO”, DE JOÃO CABRAL.

Ignacio ASSIS SILVA *

RESUMO: Para passar do nível da apreensão do sentido do texto para o nível da apreensão do texto como sistema de significações (como micro-universo semântico), temos de projetar a descontinuidade sobre o que se nos apresenta como continuidade. Concebendo o texto como um macro-enunciado, este artigo pretende situar, em termos semiolinguísticos, três aspectos interessantes da construção do texto, definindo-os em termos de homologias com aspectos da construção do enunciado: a) aspecto estrutural em sentido restrito; b) aspecto conteudístico ou semântico em sentido amplo e c) aspecto metalingüístico ou semiótico propriamente dito.

UNITERMOS: Semio-lingüística; texto/metatexto; dinâmica textual; enunciado/macro-enunciado; escritura; simulacro semiótico; simulacro discursivo; componentes narrativo, discursivo e metalingüístico.

1. O texto

FÁBULA DE UM ARQUITETO

João Cabral

Onde vão de abrir, ele foi amurando opacos de fechar; onde vidro, concreto; até refechar o homem: na capela útero, com confortos de matriz, outra vez feto.

(n.º 6, p. 20)

A arquitetura como construir portas, de abrir; ou como construir o aberto; construir, não como ilhar e prender, nem construir como fechar secretos; construir portas abertas, em portas; casas exclusivamente portas e tecto. O arquiteto: o que abre para o homem (tudo se sanearia desde casas abertas) portas por-onde, jamais portas-contra; por onde, livres: ar luz razão certa.

2.

Até que, tantos livres o amedrontando, renegou dar a viver no claro e aberto.

2. O metatexto

A significação no discurso pode operar em dois planos:

- a) colocando conteúdos,
- b) tecendo relações (é o trabalho textual propriamente dito).

A colocação de conteúdo é feita na primeira estrofe. Ela consiste em fixar aí um plano de significação homogêneo (um pano de fundo semântico), uma configuração semântica bem precisa, uma primeira isotopia (diria Greimas), a partir da

* Departamento de Lingüística — Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação — UNESP — 14.800 — Araraquara — SP

qual o texto *tecerá* a rede (as redes) de relações entre termos sêmicos heterogêneos.

A definição de *arquitetura*, apresentada como se estivesse “em estado de dicionário” (Drummond), constitui o pano de fundo semântico em cujo interior será isolada a configuração semântica bem precisa que é a definição de *arquiteto*. A constituição desse pano de fundo se apresenta como uma projeção sintagmática incompleta da *estrutura elementar da significação** na sua dupla modalidade:

a) projeção sinonímica ou conjuntiva: a ênfase recai na casa Objeto: o “estado de dicionário” é aparente porque os enunciados que definem *arquitetura* conservam apenas o arcabouço da definição de dicionário, substituindo o objeto genérico do dicionário (“edifícios”) por objetos bem especificados:

portas, de abrir
o aberto
portas abertas, em portas
casas exclusivamente portas e tecto

b) projeção antonímica ou disjuntiva: o texto apenas lança genericamente aspectos da definição negativa de *arquitetura* (ou melhor, aspectos genéricos de *antiarquitetura*). Aqui a ênfase recai na casa sintática do predicado, realizado por meio de verbos transitivos (*ilhar* e *prender*) com sua transitividade suspensa** ou então com sua transitividade projetando-se num objeto semanticamente cognato e genérico (*fechar secretos*)***.

Já a definição de *arquiteto* (em “estado de dicionário”, “o que exerce, na qualidade de mestre, a arte de construir edifícios”; no texto, “o que abre para o homem portas por-onde livres: ar luz ra-

zão certa”) coloca um conteúdo preciso que, mais do que necessidade semântica, informacional, é uma necessidade estrutural; em termos mais rigorosos, é uma coerção da estrutura *narrativa*: ela abre caminho para afirmar-se o “plot” narrativo que se inicia a partir do *até que* (autêntico demarcador textual, tanto do ponto de vista formal como semântico), onde aparece o “*tertius*” (*tantos livres o amedrontando*) que desencadeia o processo de transformação do *arquiteto*. Em termos mais precisos, o subconjunto definidor de *arquiteto* é posto como manifestador de s_1 , primeiro termo da estrutura elementar da significação a partir do qual o conjunto de enunciados da segunda estrofe vem *tecer* a rede de relações que “dramatiza a história”, “fazendo ruir a unidade” do plano semântico homogêneo da primeira estrofe, “ao opor bruscamente à primeira isotopia uma segunda isotopia” (cf. Greimas, 2, p. 95).

Esse trabalho textual é executado num quadro enunciativo constituído mediante o emprego de *indicadores formulaçãoais* bem precisos (uso do indicativo, do tempo presente, da não-pessoa ou do discurso em “ele”, da afirmativa) que servem para marcar o deslocamento da ênfase do *fazer-construir* (fazer tecnológico ou pragmático, de ordem cosmológica, que predica a relação *homem-mundo*) para o *fazer-comunicar* (fazer noológico ou cognitivo que predica a relação *homem-homem*).

O conector semântico (comutador semântico que Greimas chama de conector isotópico ou conector de isotopias) que permite esse deslocamento é o *abre*, onde há o sincretismo do *fazer-construir* com o *fazer-comunicar*:

*Dada uma categoria semântica qualquer S, esta é articulada pelo sujeito que a apreende em s_1 e s_2 . Para existir semioticamente, s_1 pressupõe s_2 e vice-versa; sua existência está fundamentada na sua co-implicação; é solidária.

**No enunciado fundamental “Pedro vê X”, reduzindo-se X a zero, orienta-se totalmente o *ver* para a base: “Pedro vê” = “Pedro é dotado de visão” (Cf. Pottier n.º 5, p. 46).

***Enquanto *ilhar* e *prender* pressupõem, em sua estrutura, o elemento *alguém* (i. é. algo *animado* que seja *humano* ou *animal*), em *fechar* se neutraliza esse traço. Isso terá consequências quando falarmos da transformação do *arquiteto*. Está presente igualmente no percurso *homem — homem outra vez feto*.

FAZER-CONSTRUIR: categoria semântica: *operação*

O arquiteto constrói casas [exclusivamente portas e tecto] (enunciado que privilegia a dimensão pragmática do discurso, pois predica uma relação do homem com o mundo).

FAZER-COMUNICAR: categoria semântica: *comunicação*

O arquiteto abre para o homem portas por-onde (enunciado que privilegia a dimensão cognitiva do discurso, pois predica a relação homem-homem: simulacro de um ato manipulatório, representando à escala do enunciado a natureza do próprio fazer discursivo).

Transformando-os num único enunciado, obtemos:

O arquiteto abre (atribui) para o homem as portas que ele (arquiteto) constrói.

D₁ P(comunic.) D₂ O S P(oper.)

ção_ _ _ _ _ Destinatário

ão_ _ _ _ _ Objeto

Tal explicitação mostra o eixo da *comunicação* orientado de Arquiteto (Destinador) para homem (Destinatário). Sendo eixo da comunicação, pressupõe reciprocidade de orientação, ou seja: Homem (Destinador) —————> Arquiteto (Destinatário). Por outras palavras, o *abrir* (o construir-comunicar) deve ser recíproco. Em vez disso, o que temos é: “muitos (subentenda-se: homens) livres o (arquiteto) amedrontado”. Daí o fazer narrativo que o texto conta na segunda estrofe.

2.1 Para passarmos do nível da apreensão do *sentido* do texto para o nível de apreensão do texto como *sistema de significações* (micro-universo semântico), temos de projetar *descontinuidade* sobre aquilo que se nos apresenta como *continuidade* (temos de articular o texto). Tal caminhada é homologável àquela que B. Pottier (cf. n.º 5, p. 36) propõe para se

passar da mensagem fundamental à mensagem lingüística.

Assim como a mensagem fundamental, de natureza conceptual, se recorta e formaliza para realizar-se uma língua natural qualquer como *mensagem lingüística* (≡ = como formulação de um tema), podemos dizer que o texto, a nível de sua apreensão como sentido definível como formulação de um assunto, se recorta e se analisa, para se transformar, a nível de sua apreensão como significação/ões, na formulação de um *tema*. Assim entendendo-o, estaremos, na realidade, concebendo o texto como um *macro-enunciado*. Isso nos permite situar melhor três aspectos interessantes da construção do texto, definindo-os em termos de homologias com aspectos da construção do enunciado:

a) o aspecto *estrutural* em sentido estrito (aspecto *formal*),

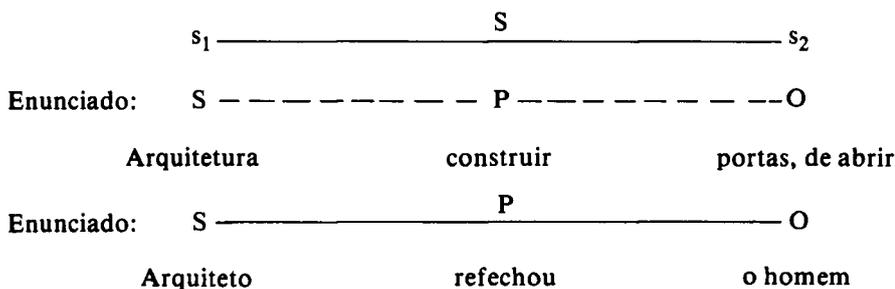
b) o aspecto *conteudístico* ou aspecto semântico em sentido amplo,

c) o aspecto *metalingüístico* ou aspecto semântico em sentido estrito, isto é, semiótico.

2.1.1. O aspecto estrutural

Do ponto de vista estrutural, o enunciado se apresenta como a projeção sintagmática da estrutura elementar da significação sobre a classe dos protagonistas do enunciado: actantes sujeitos e actantes objetos.

E.E.S.



(linha pontilhada: relação predicativa, parcialmente enunciada: o que temos é um quase-enunciado; linha contínua: relação predicativa integralmente enunciada: autêntico enunciado).

Podemos dizer, assim, que o texto, enquanto macro-enunciado, é uma projeção, em tamanho grande, da estrutura elementar da significação. Se, ao nível do enunciado, tal projeção surge como um *relacionamento* (Cf. B. Pottier: mensagem: formulação de relação entre designações) de um termo *a* com um termo *b* via predicado, ao nível do macro-enunciado (texto), a projeção da estrutura elementar da significação *tematiza* (no sentido etimológico de *colocar, propor*) a *passagem* de um estado *A* (realização, na superfície do texto, do termo s₁) para um estado *B* (realização de s₂)*.

Em *Fábula de um arquiteto*, o estado A(s₁) está configurado por um conjunto

de quase-enunciados (e não enunciados propriamente ditos) da ordem do *ser/estar* conjuntivos que definem *arquitetura* e *arquiteto*: arquiteto é apresentado como em conjunção com objetos-valores positivos (eufóricos). Quanto ao estado *B* (isto é s₂), é constituído por enunciados da ordem do *ser/estar* disjuntivos que apenas prenunciam os traços definidores de *antiarquitetura* e de *antiarquiteto*; a constituição plena do estado *B* nos é dada só ao final da segunda estrofe.

Definir a *passagem* de A para B é a tarefa explícita do conjunto de enunciados da ordem do *fazer* (estes, sim, autênticos enunciados, isto é, plenamente formulados) que compõem a segunda estrofe. A tarefa dos enunciados de *fazer*, a nível do macro-enunciado, é homóloga à do predicado *refechou* no enunciado “O arquiteto refechou o homem na capela-útero”.

* Enfocando o problema numa outra vertente teórica, Revzin (cf. n.º 6, p. 28) diz que em cada processo de elaboração da informação podemos depreender um conjunto A de sinais iniciais e um conjunto B de sinais finais observados e que a tarefa de uma descrição científica consiste em explicar como se efetua a passagem de A para B e quais são os laços entre esses dois conjuntos.

A Semiótica da Narrativa nos define a narrativa em termos de organização estrutural (em termos de sua organização formal) e em termos de conteúdo*.

A especificidade narrativa de *Fábula de um arquiteto* ganha relevo quando a cotejamos com a narrativa popular. Esta caracteriza-se pela oposição:

Enunciados de estado: conjunto de enunciados da ordem do *ser/estar* que configuram os estados inicial e final;

vs

Enunciados de fazer: conjunto de enunciados da ordem do *fazer* que narram a passagem de um estado a outro.

No interior do primeiro termo dessa oposição temos:

Estado A — estado inicial que caracteriza uma situação de equilíbrio precário;

vs

Estado B — estado final que caracteriza uma situação de equilíbrio duradouro.

No interior do segundo termo, temos:

Enunciados de fazer “positivos”: que narram a ação do Sujeito;

vs

Enunciados de fazer “negativos”: que narram a ação do anti-Sujeito

(sendo que ambos os Sujeitos *querem* o mesmo Objeto-valor).

Esquemáticamente:

Estado A: $S_1 \cap O_v \cup S_2$ (situação de equilíbrio precário para S_1 (Sujeito); de desequilíbrio para S_2 (anti-Sujeito);

Estado B: $S_1 \cap O_v \cup S_2$ (situação de equilíbrio duradouro).

Aplicado a *Fábula de um arquiteto*, obtém-se: primeira parte: *definição de arquitetura e de arquiteto*

Estado A: situação de E-equilíbrio

vs

segunda parte: *fazer transformador que re-define arquiteto*

“Plot” narrativo: re-definição funcional (narrativa)

(Estado B: situação de DES-equilíbrio).

A intervenção de S_2 (anti-Sujeito: “tantos livres o amedrontando”) provoca a disjunção de O_v (Objeto-valor) em relação a S_1 (Sujeito: arquiteto). Instaure-se assim o des-equilíbrio. O fazer de S_1 (se houvesse) visaria a restabelecer a conjunção. A narrativa conta o conflito entre esses dois fazeres.

Fábula de um arquiteto narra a passagem de um estado de equilíbrio precário para um estado de equilíbrio duradouro ou narra a passagem do equilíbrio para o desequilíbrio?

Colocar essa questão é já cuidar da semantização da estrutura, é já interrogar o conteúdo do texto.

2.1.2. O aspecto conteudístico.

Do ponto de vista do conteúdo, a narrativa é um lugar-discurso onde alguma coisa acontece, onde alguma coisa se transforma. A narrativa narra um acontecimento. Mais precisamente: a narrativa nada mais é do que a história de uma busca de valores. Isso nos lembra uma das principais definições de sentido. Desse ponto de vista, podemos dizer que o que a narrativa conta é sempre uma busca de sentido (busca de sentido pelo homem para o seu *estar-no-mundo*).

Fábula de um arquiteto narra a metamorfose do arquiteto. O relacionamento

* Um dos modelos de elaboração mais cuidada e consistente é o projeto de *gramática semio-narrativa* em construção no *Groupe de Recherches sémio-linguistiques* dirigido por A.J. Greimas, junto à École des Hautes Études en Sciences Sociales de Paris. O projeto greimasiano distingue num texto: a) um nível *semio-narrativo* onde se procura descrever e explicar a organização *estrutural* do texto; e b) um nível *semio-discursivo*, onde se procura descrever e explicar a organização *conteudística* do texto.

estrutural passa a ser lido como passagem, melhor ainda, como transformação do estado *A* no estado *B*. O lingüista francês Lucien Tesnière, ao caracterizar o enunciado, via no “nódulo verbal a expressão de um pequeno drama que comporta obrigatoriamente um processo e, muito freqüentemente, atores e circunstâncias” (apud Greimas, n.º 3, p. 16). Foi aí que o projeto greimasiano se inspirou para entender o enunciado elementar como um *simulacro semiótico que representa, sob a forma de um espetáculo, a relação do homem com o mundo*. Nessa linha de idéias, também o texto, enquanto macro-enunciado, pode ser visto como um *simulacro* que representa, sob a forma de um *espetáculo*, a relação do *homem* com o *mundo*. Nesse ponto, nosso texto afasta-se do estatuto da narrativa popular: enquanto no conto de fada por exemplo, a parada semântica se decide na casa do Objeto, em termos de transferências do mesmo de um Sujeito para outro, em *Fábula de um arquiteto* tudo incide no Sujeito. O conto de fada narra a transformação de um estado *A* num estado *B*, isto é, um acontecimento. *Fábula de um arquiteto* narra a transformação *semântica* de arquiteto, melhor, narra a *redefinição* de arquiteto: narra um acontecimento *discursivo*. Além de um simulacro da relação *homem-mundo* (fazer-construir: fazer operador), *Fábula de um arquiteto* é também um simulacro do *seu próprio fazer discursivo*: é um simulacro da *escritura*. Nosso texto revela-se assim como:

— discurso-simulacro de um acontecimento

e

— meta-discurso (meta-texto) — simulacro de si próprio. A parada transfere-se, pois, para o terreno da definição.

2.1.3. O aspecto metalingüístico.

2.1.3.1. A organização definicional do texto.

Etimologicamente, *de-finir* é delimitar, demarcar fronteiras nítidas, segmentar, recortar, articular. Sob esse aspecto, a primeira estrofe opõe-se nitidamente à segunda: ela é toscamente recortada, o que nos impede de ver aí autênticas classes de determinações semânticas. Vimos insistindo, desde o começo, que os seus enunciados não são propriamente *enunciados*, mas quase-enunciados. Em vez de definições constituídas mediante constatações de equivalências, o que temos são “definições” por aproximações graduais.

Semioticamente, a definição traduz a denominação numa expansão de denominações que representa a configuração semântica condensada no termo que está sendo definido:

$$\{\text{Definido}\} \cong \{s_1 \rightarrow s_2 \rightarrow s_3 \rightarrow s_n\}$$

Denominação-ocorrência, de caráter lgico. \cong = expansão de denominações de caráter metalingüístico

equivalência
(tradução intra ou intersistêmica)

Aplicada ao caso, temos:

a) na primeira estrofe: a relação entre o definido e a definição é uma tradução intrassistêmica colocada em termos de quase-equivalência, vale dizer, colocada em termos de aproximação entre a denominação e a “quase-definição”. Se tivéssemos equivalência, teríamos o verbo *se* relacionando as duas partes da equação;

b) na segunda estrofe: a definição é construída progressivamente, ou seja, a equivalência só aparece cabalmente constituída ao fim de uma seqüência de aproximações funcionais (narrativas) que se encadeiam como um *algoritmo de funções*. O que se tem é a constituição explícita de um autêntico algoritmo ges-

tual *: todos os enunciados se sucedem num sentido determinado e em “crescendo”:

renegar → *amurar opacos* → *amurar concreto* → *refechar o homem*.

Vemos assim que a segunda estrofe não se limita a dar a definição de arquiteto₂. Tal definição, no sentido etimológico, o texto no-la mostra *em ação*: trata-se, no caso, de um acontecimento discursivo que corre paralelo ao acontecimento extradiscursivo. Enquanto *arquitetura* e *arquiteto*₁ são definidos “à la langue” (“a modo de dicionário”) e são apresentados como que *estaticamente*, exprimindo uma visão de equilíbrio. (vale dizer, vista pelo grupo como socialmente ideal), *arquiteto*, (e implicitamente *arquitetura*₂) é definido explicitamente pelo e no texto, sendo apresentado *dinamicamente*.

2.1.3.2. O texto visto no percurso do sentido à significação.

Lida no percurso que vai do sentido (o texto como totalidade de sentido toscamente recortada) à significação (o texto como universo semântico articulado, recortado), vemos que a primeira estrofe está orientada para o pólo sentido: o caráter quase-formulado de seus “quase-enunciados” apresenta-a como toscamente recortada. Sendo *Fábula de um arquiteto* um macro-enunciado, a primeira estrofe ocupa aí a posição que no enunciado é normalmente ocupada por um *nome*. Por isso, ela representa, tal como acontece com o nome, uma apreensão da realidade sob o aspecto *estático* (Cf. Mattoso Câmara Jr. n.º 1, p. 151). Como tal, ela apresenta vários traços que nos permitem

concebê-la como uma espécie de *nome complexo* que ocupa, no macro-enunciado a posição de Sujeito. Esse nome complexo é constituído de determinações semânticas parciais que trazem, em maior ou menor grau, as marcas do enunciado lingüístico:

a) tendem para a orientação endocêntrica;

b) são “definições” qualificacionais (exprimem voz atributiva na terminologia de B. Pottier);

c) privilegiam o eixo paradigmático, isto é, privilegiam o pólo metafórico, a similaridade, a equivalência**.

Já os traços da segunda estrofe:

a) orientação nitidamente exocêntrica da relação predicativa;

b) recorte exaustivo do predicado;

c) opção explícita por um esquema de predicação *verbal*;

d) caráter dinâmico

Configuram-na como um predicado funcional (predicado narrativo), como uma espécie de *verbo complexo* (cf. acima, a definição narrativa de *coser* dada por Machado de Assis) constituído progressivamente como um *algoritmo de funções-predicado*, cujos enunciados trazem claramente as marcas do enunciado lingüístico:

a) orientação explicitamente exocêntrica;

b) são definições funcionais (narrativas: exprimem voz ativa, na terminologia de B. Pottier);

c) privilegiam o eixo sintagmático, isto é, privilegiam o pólo metonímico, a contigüidade, a aproximação gradual***.

*O algoritmo é uma sucessão de operações precisas que visam à solução de um determinado problema. Outro exemplo de algoritmo gestual: “Chegou a costureira, pegou do pano, pegou da agulha, pegou da linha, enfiou a linha na agulha e entrou a coser” (Machado de Assis, *Apólogo*).

**O enunciado metalingüístico é um enunciado atributivo, de caráter nominal. Esse caráter nominal faz com que expresse uma visão estaticizante do definido, pois reitera no predicado o papel cristalizante da denominação contida na base. Denominar é, em boa parte, rotular, vale dizer, parar o filme, fixar o fenômeno num clichê lingüístico. Denominar um fenômeno é classificá-lo, isto é, reduzi-lo a classe.

***O enunciado lingüístico (por oposição a metalingüístico) é um enunciado ativo, de caráter *verbal*. Tal como acontece com os verbos nas línguas indo-européias, exprime uma visão *dinâmica* do definido (o Sujeito), reiterando o traço semântico *potente* aí contido. Mais do que atribuir traços, a definição funcional no-los mostra *em ação*.

2.2. Correlacionando as transformações estruturais com as transformações semânticas

A estrutura sintática (estrutura narrativa) do texto serve de suporte para a mobilização sêmica (transformações de traços semânticos) no decorrer (associar: *discurso, discorrer*) textual. Vejamos alguns pontos da trama sintática:

Arquiteto

— na primeira estrofe é lugar de manifestação sincrética de D₁ (Sujeito do fazer cognitivo: comunicar) e de S (Sujeito do fazer pragmático: construir);

— na segunda estrofe é o lugar de manifestação de S (Sujeito do fazer pragmático: fazer-construir).

Homem

— na primeira estrofe, lugar de manifestação de D₂ (Destinatário do fazer cognitivo: abrir-comunicar);

— na segunda estrofe, lugar de manifestação de S (Sujeito do fazer cognitivo contraditório: amedrontar) e de O (Objeto do fazer pragmático: construir-refechar).

Casas

— na primeira estrofe, lugar de manifestação de O (Objeto do fazer pragmático: construir) e, metonimicamente, vale dizer, como *portas*, lugar de manifestação de O (Objeto do fazer cognitivo: abrir-comunicar);

— na segunda estrofe, lugar de manifestação, sob a forma da metáfora *capela-útero*, do circunstante espacial (C) do enunciado cujo predicado é *refechar*.

A categoria semântica *comunicação* é uma categoria complexa pois engloba os traços semânticos *informação* (de natureza cognitiva, noológica), e *movimento* (de natureza pragmática, cosmológica). A segunda estrofe opera um verdadeiro deslocamento sintático de *homem* e *casas*:

homem deixa de ser lido como *destino* do movimento e da informação para ser lido em termos de *ausência de movimento* (imobilidade). O deslocamento de *casas* da posição sintática de O para a de C (circunstante) acarreta um rebaixamento sintático com conseqüências semânticas. Na primeira estrofe, ela era duplamente objeto: enquanto objeto do fazer cognitivo (construir-comunicar), garantia a existência semiótica dos dois sujeitos (Destinador e Destinatário); além disso, *casas* figurava no núcleo do enunciado, sintaxicamente obrigatório; na segunda estrofe, passa a circunstante e se desloca para a margem do enunciado, posição sintaxicamente facultativa. Conseqüência: *homem* deixa de ser Destinatário e *arquitecto* deixa de ser Destinador; o *construir-comunicar* se retrai para dar vez ao *construir-refechar*.

Os deslocamentos sintáticos prenunciam uma dupla redução do *homem*: a neutralização do componente comunicação se faz acompanhar da inversão de um traço topológico (espacial) muito importante: a *mobilidade* (o movimento) é reduzida à *imobilidade*. De sujeito do *ir-e-vir* através de *portas-por-onde* passa a simples objeto encerrado num circunstante *onde*. Por outras palavras, a segunda estrofe narra duas vezes a destruição da comunicação: sintática e semanticamente.

De algum modo, tanto *homem* como *casas* estão pagando o “pecado” de já lingüisticamente serem potencialmente circunstantes. De algum modo, o Destinatário já é, em parte, circunstante: é o *lugar-para-onde* se destina a comunicação. De algum modo, o processo de circunstantialização desenvolvido na segunda estrofe já está contido, em estado germinal, em *casas* que é, ao mesmo tempo, o *lugar-objeto* (lugar *onde*) do construir pragmático (cosmológico) e o *lugar-por* (*donde* e *para onde*) do construir cognitivo (noológico). Em ambos os casos, *lugar*; em ambos os casos, circun-stante, ou mais precisamente,

espaço englobante. O deslocamento sintático de *homem* para a casa O e o de *casas* para C anula, naquele o movimento (o poder ser Sujeito e Destinatário) e nesta, a *abertura* (o *por*). *Homem*, de espaço englobante (homem livre, sem limites e sem limitação, que tem *ar luz razão certa*) passa a espaço englobado; *casas* que era *casas exclusivamente portas e tecto* se explicita como espaço englobante apenas. Nada há, pois, no discurso que, de algum modo, já não esteja na língua. É nesse sentido que Roman Jakobson sugere a elaboração de uma *gramática da poesia* que leve em conta a *poesia da gramática*.

2.3. O componente formulacional

Na definição de mensagem, B. Potier (n.º 5, p. 50) distingue um componente formulacional e um componente relacional. Por exemplo, dados os elementos *touro*, *assustar*, *menino*, todos os recursos enunciativos que servem para modalizar e modular a relação entre esses elementos, situando-a no espaço e no tempo, constituem o componente formulacional. Aqui, limitar-nos-emos a destacar apenas os indicadores formulacionais que realizam a formulação locutiva (relação de pessoa, de espaço, de tempo), e a formulação qualitativa (modo, aspecto, afirmação, negação etc):

1. todo o poema está construído no eixo da não-pessoa (discurso em *ele*);
2. a definição de arquitetura está construída no não-modo, vale dizer, no *infinitivo*, ao passo que a definição de arquiteto₁ está construída no modo *indicativo*;
3. arquiteto₁ é definido no tempo não-marcado, isto é, no *presente*, por oposição a arquiteto₂ que está definido no tempo marcado, *pretérito*;
4. a definição de arquitetura não traz nenhuma indicação aspectual;

5. em contrapartida, na definição de arquiteto tem-se uma nítida oposição entre:

- 5.1. o *durativo* que ocorre na definição de arquiteto₁
e
- 5.2. o *perfectivo* que aparece na definição de arquiteto₂.

São esses os principais indicadores formulacionais que permitem estabelecer a ponte (fazer a *embreagem*) entre o texto e o intertexto (no sentido de contexto cultural). São eles que nos permitem fazer o finca-pé do micro-universo semântico que é o texto no macro-universo que é o universo cultural onde ele é produzido-recebido. São os pilares do contrato que é a *escritura* mediante os quais somos elevados da condição de leitores à condição de destinatários e colocados, por assim dizer, em pé de “igualdade” com o autor. Somos assim guindados à condição de *co-autores* do texto: o próprio fazer textual (= a *escritura*) não só nos postula como, mas também nos faz *mediadores* entre o texto e o intertexto. As próprias condições da existência semiótica do texto levam-nos a ver a vida do texto como dependente, não da autoria, mas da co-autoria, ou melhor, da autoria coletiva. Desse ponto de vista, o autor e o leitor nada mais são do que *instâncias* (o termo é de Emile Benveniste) que realizam esse autor coletivo.

3. Para não concluir

Fábula de um arquiteto joga fundo com a *poesia da gramática*: arquiteto₂ continua como sujeito do fazer-construir, mas já não se trata mais do mesmo construir. Seus fazeres (*renegar dar a viver no claro e aberto, amurar opacos, amurar concreto, refechar o homem*) — nitidamente disfóricos em relação aos fazeres de arquiteto₁ — negam tudo que dá idéia de liberdade. *Arquiteto* desqualifica-se assim como sujeito do fazer-construir definido

na primeira estrofe. A mudança no predicado que afeta o sujeito, afeta igualmente o objeto, pois são estruturalmente solidários (complicam-se). *Casa* metaforiza-se: de casa exclusivamente portas e tecto passa a capela-útero. *Homem* vê-se rebaixado da condição de destinatário à de objeto e, correlativamente, reduzido na sua liberdade ou sem ela, já que esta só pode ser liberdade enquanto constituir Objeto do *querer-fazer* do homem enquanto Sujeito.

Para ser Sujeito desse fazer, o homem tem de:

querer fazer
poder fazer
e saber fazer.

E um homem-outra-vez-feto pode isso?

Para proteger o homem, o arquiteto transformou a casa-exclusivamente-portas-e-tecto — espaço de proteção (tecto) com liberdade (exclusivamente portas) — em capela-útero, uma casa exclusivamente interioridade, vale dizer, casa com proteção, mas sem liberdade (proteção-prisão). À medida que foi interiorizando o homem, o arquiteto o foi desqualificando pela perda gradual da liberdade, até reduzi-lo novamente a feto.

Homem-feto, homem desmodalizado, desqualificado como Sujeito:

não deve
não quer
não pode
não sabe

fazer e/ou ser.

ASSIS SILVA, I. — Towards a semio-linguistic reading of the “Fábula de um Arquiteto” by João Cabral. *Alfa*, São Paulo, 26: 85-94, 1982.

ABSTRACT: In order to go from the level of apprehension of the meaning of the text to the level of apprehension of the text as a system of significations (as a semantic micro-universe), one must project discontinuity on what is presented as continuity. Conceiving the text as a macro-utterance, this paper intends to consider, in semio-linguistic terms, three interesting aspects of the text construction, by defining them in terms of homologies with aspects of utterance construction: a) structural aspect, strict sense; b) content or semantic aspect, broad sense and c) metalinguistic or semiotic aspect, proper.

KEY-WORDS: Semio-linguistics; text/metatext; textual dynamics; utterance/macro-utterance; “écriture”; semiotic simulacrum; discursive simulacrum; narrative; discursive and metalinguistic components.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CÂMARA JR., J. — *Princípios de lingüística geral*. 4. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1964.
2. GREIMAS, A.J. — *Semântica estrutural*. Trad. de Haquira Osakabe e Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1973.
3. GREIMAS, A.J. — Un problème de sémiotique narrative: les objets de valeur. *Langages*, 31: 13-35, 1973.
4. MELO NETO, J.C. — *Poesias completas* (1940-1965). 2.ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1975.
5. POTTIER, B. — *Linguistique générale: théorie et description*. Paris, Klincksieck, 1974.
6. REVZIN, I.I. — Les principes de la théorie des modèles en linguistique. *Langages*, 15:21-31, 1969.